

Ana Maria e Paulo Freire: A originalidade de uma relação que inspira compromissos e luta pela recriação de uma proposta de educação

OLGAIR GOMES GARCIA

Resumo

Este texto, utilizando como referência principal a originalidade da relação de Ana Maria e Paulo Freire inspirando compromisso e luta pela recriação de uma proposta de educação libertadora, está organizado em duas partes:

- O reencontro de Ana Maria e Paulo Freire após seu retorno ao Brasil na década de 1980 e o papel importante de Ana Maria na vida pessoal de Paulo Freire e a repercussão disso na sua produção intelectual a partir de então. Por outro lado, após a morte de Paulo Freire em 1997, ressalta o trabalho árduo e comprometido de Ana Maria para difundir e expandir suas obras e para torná-lo mais reconhecido e valorizado.
- Minha própria constituição de educadora inspirada fortemente em Paulo Freire e em consequência disso bastante envolvida com a escola pública, onde tive a oportunidade de desenvolver pesquisa, estudos e projetos relacionados ao processo de ensino e aprendizagem com crianças e jovens do ensino básico e à formação permanente do educador.

Abstract

This essay, using as the main reference the originality of the relationship between Ana Maria and Paulo Freire which inspires a commitment to and fight for the creation of a proposal for a liberating education, is divided into two parts:

- The return of Paulo Freire to Brazil in the 1980s brought with it a series of adjustments and adaptations in his life, most profoundly the death of his first wife. During this new phase in Paulo Freire's life Ana Maria, on one hand, was the great animator of his reinvigoration and, on the other

hand, she was establishing herself decisively as an indispensable support to the concreteness of the work that still remained to be accomplished.

- The encounter with Paulo Freire encouraged challenge and daring in my desire for transformation of the public school. To illustrate this, from an idea that I presented to the group of managers and after extensive discussion and analysis, we created and developed since 1998 the PROVE (Project of Educator Appreciation and Improvement of Quality of Education) project, which is an educator training project that currently involves educators and teachers of six public schools in the region of M'boi Mirim in the southern part of the city of São Paulo. We had a very large participation in this project, from its inception to the present day, and the project, after many fights and having weathered many crises, has become an attribute of identification to many people who have been and still are in contact with it.

O desafio, sem dúvida, é imenso: escrever sobre a importância de Nita Freire na vida e obra de Paulo Freire e a minha própria constituição como educadora no estudo, reflexão e interação com a proposta de educação libertadora de Paulo Freire via leitura e análise de sua produção teórica e da convivência com ambos.

Um bom caminho para começar pode ser a citação da dedicatória que Paulo Freire fez a mim por ocasião do lançamento do livro *A Sombra dessa Mangueira* (1995): “Para você Olgair, professora como a com quem eu sonho, com a minha amizade.” A emoção e, de certa forma o envaidecimento, foram e continuam imensos, mas, acima de tudo, o que se apresentava diante de meus olhos para ser desvelado, era o compromisso embutido nas palavras e que, bem antes disso, intuitivamente, eu já percebera, qual seja, o de assumir efetivamente o papel de uma educadora freireana, disposta a torná-lo vivo através de minha prática.

São muitos os educadores brasileiros que, até ter sido oficializada a permissão para o retorno de Paulo Freire do exílio, só o conheciam através dos poucos textos e livros a que conseguíamos ter acesso e de pessoas que haviam tido algum contato com ele antes dos acontecimentos repressores oriundos da ditadura a que fomos submetidos, no Brasil, no período de 1964 a 1984. Neste conjunto de educadores eu me incluo e, em razão disso, apesar de delicada, a tarefa de abordar a relação de Paulo Freire e Nita faz sentido porque sou contemporânea de tudo isso.

ANA MARIA E PAULO FREIRE: O ENAMORAMENTO COMO BASE PARA A CUMPLICIDADE EM TORNO DA TAREFA DE DIVULGAR E INSPIRAR TODAS AS PESSOAS NA OUSADIA FREIREANA DA REINVENÇÃO COTIDIANA DE UMA EDUCAÇÃO COMO EXPRESSÃO DO GOSTAR DE GENTE E DE SER GENTE

Partindo do pressuposto de que não é tarefa simples escrever sobre a relação de Ana Maria e Paulo Freire e os desdobramentos que conduziram a uma forma peculiar de divulgá-lo e ampliar a publicação das obras do grande educador depois de sua morte, a intenção aqui é, ao mesmo tempo situar mais adequadamente o significado do reencontro de ambos na maturidade e analisar um pouco as incompreensões, mal entendidos e, ao mesmo tempo a relevância do papel de Ana Maria Freire, especialmente de 1997 até os dias de hoje.

Tomando emprestado o que Francesco Alberoni expõe no livro *Enamoramento e Amor* (1988) “o enamoramento desafia as instituições no plano dos seus fundamentos de valor. Sua natureza reside justamente nisso, em não ser um simples desejo ou um capricho pessoal, mas um movimento portador de projetos” e criador de compromissos para além da relação pessoal. Proclamado em vários momentos por Paulo Freire, o sentimento do enamoramento por Nita, como carinhosamente ele a chamava, foi sentido quando ele, um jovem professor, a conheceu como aluna no Colégio de Recife onde estudara e depois assumira o cargo de professor de português.

Muitas foram as razões e circunstâncias que não facilitaram a aproximação amorosa dos dois, coisas e mistérios da vida. “Não te esperarei na pura espera / porque o meu tempo de espera é um / tempo de que fazer./ Desconfiarei daqueles que virão dizer-me:/ É perigoso agir/ É perigoso falar / É perigoso andar / É perigoso esperar, na forma em que esperas / porque esses recusam a alegria de tua chegada” (Freire, 2000). Enquanto Ana Maria, uma jovem muito bonita, conhecia Raul e casando-se com ele mudou-se para São Paulo, constituindo sua família com quatro filhos deste casamento, Paulo Freire, em meio às grandes dificuldades para trabalhar, foi alimentando seu grande interesse pela educação, principalmente pelo tema da exclusão e abandono dos adultos “analfabetos” que engrossavam as estatísticas que falavam do analfabetismo no Brasil. Não tardou e, gradativamente, foi anunciando a reflexão e análise sobre os efeitos da opressão na formação e desenvolvimento dos sujeitos e que veio a se consolidar com a publicação do livro *Pedagogia do Oprimido*, quando já estava no exílio.

Com a família que constituiu com Elza, sua primeira esposa, Paulo Freire, depois de passar pelo Chile e Estados Unidos, fixou-se na Suíça, de onde foi se espalhando pelo mundo inteiro tal o nível de atenção que sua teoria de educação alcançava. Enquanto isso, Ana Maria, com os filhos já não necessitando tanto de seus cuidados, resolve fazer o curso de Pedagogia, começando a trabalhar como professora logo após o término do curso que, quase simultaneamente, culminou com seu retorno à Universidade para fazer o Pós Graduação.

O retorno de Paulo Freire ao Brasil na década de 80 (século XX) implicou numa série de ajustes e adaptações em sua vida e, entre eles, a viuvez de sua primeira esposa. Tal fato provocou em Paulo Freire, uma desolação imensa porque, como repetia muitas vezes, não conseguia viver sozinho, não conseguia viver sem

a companhia de uma mulher ao seu lado. Pode-se dizer que se encaminhava para morrer, bebendo e fumando em demasia, num estado deplorável de perda do gosto de viver. Como Ana Maria (também viúva por esta época) nesta ocasião estava concluindo seu mestrado orientada por ele, o debate de idéias, a proposição de projetos, a proximidade que fazia recordar pedaços das histórias de vida compartilhadas pelos dois, trouxe de volta, talvez com uma força incontornável o enamoramento que fora despertado muito tempo atrás. Novamente a vida os unia mas não apenas como velhos conhecidos e nem somente como um casal que descobre a possibilidade de uma relação amorosa. A vida se mostrava a eles de uma forma nova, forte, incontornável. Ele próprio diz isso na dedicatória do livro *Pedagogia da Esperança* (1992): “A Ana Maria, Nita, que me devolveu o gosto bom de viver, quando a vida me parecia tão longe e, quase sem esperança, a olhava.” Num sentido figurado, como um “inédito viável.”

Combinando afeto e admiração recíprocas, um período bom na vida de ambos foi se projetando e abrindo caminho para que o educador Paulo Freire retomasse e imprimisse vigor novo ao conjunto de suas idéias e propostas para uma educação que considerava, na base, “que os homens se tornam sujeitos na relação de uns com os outros” e que embutida nesta frase esconde-se toda uma teoria de educação absolutamente revolucionária e humanizadora. Como bem diz Antonio Cândido na segunda capa do livro *Pedagogia da Indignação* (Freire, 2000)

o que decorre de sua teorização é uma visão dialética muito dinâmica, envolvendo as opções da vontade e o conhecimento da situação condicionante. O resultado é que o sujeito do processo deixa de ser objeto, ao qual se impõem modelos, para se tornar o agente do próprio aprendizado, solidamente plantado nas peculiaridades do meio em que vive. Daí decorrem consequências da mais alta importância, e dificilmente se encontrará quem, em nosso tempo, tenha concebido de maneira tão vivaz e convincente o caráter democrático da educação. (Cândido, in Freire, 2000)

Nesta nova fase da vida de Paulo Freire, se de um lado Ana Maria foi a grande incentivadora de seu revigoramento, por outro lado, foi se firmando decisivamente como um ponto de apoio indispensável para a concretude do que ainda permanecia no plano dos sonhos e desejos. Os que haviam se acostumado com a imagem de Paulo Freire como um sujeito simples, desprovido de vaidade, avesso a ambições e confortos materiais, tão logo se tornou pública a relação dele com Ana Maria, conhecida quase que somente como uma pessoa habituada a um modo de viver diferente, autoritariamente se posicionaram reivindicando para si mesmos o direito de palpatem e decidirem, com tal fúria, como se dispusessem de algum direito sobre a vida de Paulo Freire. Por ser um homem público, os que repudiaram tal relação, davam a impressão de que Paulo Freire não podia ser ele mesmo, um sujeito como qualquer outro. E neste emaranhado de falatórios, discussões, opiniões, só a sabedoria de um homem como Paulo Freire para enfrentar

e aproveitar a oportunidade da situação para desenvolver belas reflexões sobre a vida cotidiana contribuindo sobremaneira para novos entendimentos sobre a compreensão, a tolerância, o valor da amizade, da humildade, da amorosidade.

Uma das tarefas do educador ou educadora progressista, através da análise política, séria e correta, é desvelar as possibilidades, não importam os obstáculos, para a esperança, sem a qual pouco podemos fazer porque dificilmente lutamos, e quando lutamos, enquanto desesperançados ou desesperados, a nossa luta é uma luta suicida, é um corpo-a-corpo puramente vingativo. (Freire, 1992, p. 11)

Com decisão e dedicação, mesmo vivendo a dor da perda do companheiro com o qual compartilhara tão pouco tempo de vida juntos (1987/97) e tendo que enfrentar situações delicadas e difíceis, muitas vezes conflituosas e exigindo posicionamentos muito radicais, Ana Maria iniciou um trabalho árduo de organização da obra de Paulo Freire, reeditando muitos de seus livros, organizando outros com textos ainda não publicados, organizando coletâneas com textos compilados de palestras e conferências ou publicados em periódicos, participando de numerosos eventos no Brasil e no exterior e se dedicando com afinco à publicação de uma minuciosa biografia de Paulo Freire (2006). Não há como negar sua abnegação e ousadia, como também o seu esforço pessoal por manter vivos e atuantes os vínculos pessoais e profissionais com instituições, pesquisadores, educadores e estudantes no estudo, divulgação e pesquisa sobre a teoria de educação de Paulo Freire.

O ENCONTRO COM PAULO FREIRE ENCORAJANDO APOSTA E OUSADIA NO DESEJO DE TRANSFORMAÇÃO DA ESCOLA PÚBLICA

Efetivamente foi o convite de Paulo Freire, sugerido por Nita, para fazer parte da equipe dele quando foi Secretário de Educação em São Paulo que me possibilitou a entrada no sistema público de educação, na escola pública. E isto aconteceu quando eu já desenvolvia há algum tempo a experiência docente na universidade, não porque tenha escolhido este caminho, mas porque os próprios caminhos da vida é que foram me encaminhando assim. Entrei na rede pública de ensino depois de ter sido professora de crianças e adolescentes, depois de ter me dedicado sobremaneira à formação do educador.

Paulo Freire quando Secretário de Educação em São Paulo, mesmo não tendo permanecido todo o tempo em que durou a administração de Luiza Erundina na cidade de São Paulo (1989/1992) imprimiu uma marca e um rumo tão inusitados no jeito de se fazer educação pública até então que, dificilmente, será esquecido por todos aqueles que tiveram oportunidade de trabalhar e viver com tanto en-

tusiasmo e esperança a possibilidade de uma escola pública se construindo para responder aos anseios de toda uma população abandonada e marginalizada.

Lamentavelmente quando acreditávamos ter tudo para revolucionarmos a educação em São Paulo, o poder político mais uma vez solapa o sonho da educação freireana se tornar efetivamente uma realidade. Assim, terminada a experiência na Secretaria da Educação, o desejo de recuperar o sonho por uma escola pública de qualidade, quando já haviam se passado quase cinco anos, me levou à decisão de prestar um concurso público para ser Coordenadora Pedagógica numa escola de Ensino Fundamental na periferia de São Paulo. Foram muitos os que me aconselharam a desistir da idéia, mas minha vontade e minha crença na possibilidade de uma escola pública ser uma escola de bom ensino, prazerosa e alegre, me convenciam mais que os conselhos que ouvia.

A ida para a escola, o conhecimento e contato com as crianças, jovens e adultos que nela estudavam, o conhecimento e a relação de trabalho com muitos professores e professoras, a interação produtiva com os parceiros da gestão da escola, a leitura e compreensão do lugar / das pessoas / dos sonhos presentes nos que faziam parte daquele cotidiano, gradativamente, foram me alimentando e me inspirando para muitos gestos de ousadia que, felizmente, ao serem expressos, eram bem aceitos e abraçados, transformando-se em significativos projetos na escola que juntos estávamos construindo.

Acompanhando de perto minha aventura e compartilhando do muito que conseguíamos na escola e na região onde estava localizada, em 2003, quando se ia realizar um Fórum de Educação em Oldembourg (Alemanha) cujo foco central seria Paulo Freire e a questão dos direitos humanos em educação, consultada para indicar alguém com experiência de educação freireana na educação regular com crianças e jovens, Ana Maria me indicou e assim fui convidada para comunicar a nossa experiência de trabalho na EMEF Mauro Faccio Gonçalves – Zacaria em São Paulo. O que em 2003 expus no Fórum, depois disso, foi ganhando mais solidez e provocando efetivamente, o que Paulo Freire dizia tantas vezes: **a mudança da cara da escola**. Recentemente, em artigo publicado no Caderno CEDES (Garcia, 2011), uma publicação da UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas, SP) destaquei que talvez o sucesso da escola fosse resultado de quatro eixos presentes na organização e funcionamento da escola: o Projeto Pedagógico e o processo de ensino e aprendizagem, os projetos coletivos da escola, a gestão democrática da escola e a formação permanente do educador. Sem dúvida, eixos que evidenciam a inspiração forte na teoria de educação de Paulo Freire, uma vez que expressam aquilo de que falava com muita clareza e certeza: a escola é uma construção coletiva de todos que fazem parte dela.

Para exemplificar parte do exposto acima, desde 1998, a partir de uma idéia que apresentei ao grupo de gestores, depois de ampla discussão e análise, criamos e desenvolvemos na região, o PROVE (Projeto de Valorização do Educador e

Melhoria da Qualidade do Ensino), um projeto de formação do educador que envolve atualmente os educadores e educadoras de seis escolas públicas da região do M'Boi Mirim, zona sul da cidade de São Paulo. Este projeto, iniciativa e responsabilidade das próprias escolas e seus educadores, acontece através de cursos diversos que são oferecidos ao longo do ano (sete encontros), coordenados por professores, a maioria da Universidade, e de livre opção dos professores e professoras. Por se tratar de uma proposta de formação que não é imposta mas de livre escolha dos participantes, por ter como princípio básico da formação a reflexão e análise da prática, por envolver num mesmo grupo de formação professores e professoras das diversas escolas que participam do projeto e por acontecer cada curso numa escola diferente, o resultado é uma dinâmica muito instigante em que os próprios envolvidos se afetam reciprocamente, criando entusiasmo, compromisso e prazer em relação ao trabalho que desenvolvem com os estudantes. Pode-se afirmar, sem exagero, que o PROVE é um exemplo da mais pura ousadia freireana pois, sobrevive do envolvimento e capacidade de luta de todos os envolvidos. A única ajuda financeira que tem recebido, apesar da dificuldade crescente em dar-lhe continuidade, é a que diz respeito ao pagamento da impressão da revista que é publicada anualmente por ocasião do seminário de encerramento do projeto no ano (Neste ano de 2011, o Prove completa 15 anos e a revista PROVE está no número 10) e do PROVE Livros que é uma publicação onde vamos registrando aspectos do projeto, tal como o texto do PROVE quando completou dez anos e do Seminário Inter-Escolas.

Este é um projeto pelo qual temos muito carinho e zelo porque, além de corresponder ao que Paulo Freire disse no livro *A Educação na Cidade* (1991) de que “será privilegiada a formação que se faz no âmbito da própria escola, com pequenos grupos de educadores ou com grupos ampliados, resultantes do agrupamento das escolas próximas,” cada educador ou educadora que dele participa vai tendo a oportunidade de se rever no seu exercício docente cotidiano, de se auto-avaliar, de se reconhecer no que faz e pode fazer, de se sentir capaz de responder com sinceridade a respeito do compromisso social com a educação das crianças e jovens da escola pública. Reconheço que tenho uma participação muito grande neste projeto, desde o seu nascimento até os dias de hoje, mas é um projeto que depois de tantas lutas e de ter superado tantas crises, transformou-se num atributo de identificação de muitos que passaram e passam por ele. Isso sem contar que é, sem sombra de dúvida, uma das nossas formas de expressão do compromisso com Paulo Freire, da responsabilidade que temos em recriá-lo cotidianamente em nossa prática docente nas escolas. Pois “formar é instituir trabalhos permanentes em que o espírito de busca, criação e invenção seja constante.” (anotações pessoais numa reunião de trabalho em 1989)

REFERENCES

- Alberoni, F. (1988). *Enamoramento e amor*. Rio de Janeiro: Editora Rocco.
- Freire, A.M.A. (2006). *Paulo Freire: Uma história de vida*. Indaitatuba: Villa das Letras.
- Freire, P. (1991). *Educação na cidade*. São Paulo: Cortez.
- Freire, P. (1992). *Pedagogia da esperança*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (1995). *À sombra dessa mangueira*. São Paulo: Editora Olho d'Água.
- Freire, P. (1997). *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Freire, P. (2000). *Pedagogia da indignação*. São Paulo: UNESP.
- Garcia, O. (2005) *A formação do educador em Paulo Freire: A construção do educador-sujeito numa prática em processo*. (Doctoral Dissertation). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Garcia, O. (2007) Tempos de desencanto, são tempos de pensar a recriação da escola. *Revista de Educação da AEC (A Praxis de uma Educação Inédita Viável: Referenciando Paulo Freire)*, 36(143).
- Garcia, O. (2011). A escola Zacaria já é a escola dos meus sonhos. *CEDES (Para que servem as escolas? Políticas, sentimentos e sonhos latino-americanos)*, 31(83), 11-26.
- Coleção PROVE Livros, números 4 (PROVE 10 anos) e 5 (O Seminário no PROVE), São Paulo, 2007/08.